



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

GENIVALDO ALVES DO SUL

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRG

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-694

Entrevistado: Genivaldo Alves do Sul

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Juína (MT)

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 19/05/2016

Transcrição: William Gomes

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Goellner

Total de gravação: 7 minutos e 23 segundos

Páginas Digitadas: 6 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação profissional; Envolvimento com o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); O PELC em Juína; Atividades que participava; Formação dos monitores; Atividades do Programa no município.

Juína, 19 de maio de 2016. Entrevista com Professor Genivaldo Alves do Sul a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, muito obrigada pela sua disponibilidade de conceder a entrevista. Eu gostaria que você começasse falando sobre sua formação.

G.S. – Sou formado em Educação Física, pela Universidade Federal de Maringá. Sempre estive envolvido dentro da área mais voltada para o esporte e sempre trabalhando com treinamento, com essa área esportiva.

C.M. – Iniciação? Alguma modalidade?

G.S. – Eu trabalho com iniciação e com a equipe juvenil do município também.

C.M. – Alguma modalidade específica?

G.S. – Voleibol.

C.M. – E quando que você veio para Juína?

G.S. – Eu vim para Juína em 2001. Eu vim no final de 2001. Eu não tive oportunidade de conseguir aula no estado do Paraná, na época, até porque o governo cortou o número de aulas de Educação Física, reduziu para uma aula, aí eu tive a oportunidade de vir trabalhar no município de Juína em 2001.

C.M. – É professor da rede aqui?

G.S. – Eu trabalho na rede municipal, sou efetivo na Secretaria de Esporte. Trabalho na faculdade, dou aula a noite no curso de Educação Física e tenho algumas aulas no estado.

C.M. – E como que você se envolveu com o PELC¹?

G.S. – Na época que eu estava trabalhando na prefeitura e o Secretário de Esportes me convidou para cuidar de um dos núcleos.

C.M. – Quais as funções que você desempenhou?

G.S. – Eu coordenava os horários dos monitores, eu participava na hora do lanche. Estava vendo se estava correndo tudo certinho, controlava o fluxo dos funcionários, se eles estavam trabalhando ou não em três períodos, levava os materiais necessário para limpeza, para as realizações das atividades, estava fazendo visitas diárias.

C.M. – Qual era o núcleo que você estava?

G.S. – Módulo cinco.

C.M. – O que você dispunha?

G.S. – Lá no módulo cinco nós tínhamos a praça, que trabalhava o voleibol e o futebol de areia. No núcleo lá embaixo que ficava a parte de oficinas, de tricô, de crochê das mulheres tinha a parte de jogos de salão, tinha também o futebol de campo e tinha o vôlei também.

C.M. – Lá embaixo que você diz é...

G.S. – É, são dois, são dois espaços. Um ficava assim lá em baixo que eu falo assim é o prédio da escola que tinha um espaço concedido pela igreja que a gente utilizava como polo central. E os monitores vinham para a praça fazer as atividades deles.

C.M. – É, essa igreja é aonde tem o campo de bocha.

G.S. – Hoje?

¹ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

C.M. – Que foi também do programa.

G.S. – Não, não, não. Não tinha cancha de bocha não.

C.M. – Qual igreja que era?

G.S. – Eu não sei muito bem, mas lá na comunidade do Santo Agostinho.

C.M. – Quais as atividades... Bom, das atividades você já falou, mas e o público atendido? Tinha desde criança até...

G.S. – Tinha, desde criança até as mulheres mais de idade que faziam a parte do crochê, tricô, bordado, essas coisas que tinha monitor que dava essas oficinas, que se não me engano, três vezes por semana e muito bem aproveitadas essas oficinas. Muita participação.

C.M. – Vocês conseguiam os monitores na comunidade, como que eram selecionados?

G.S. – Eles, se não me engano, porque faz um bom tempo, se eu não me engano eles fizeram as inscrições e nos pegávamos por bairro. As pessoas que moravam no bairro para estar trabalhando ali já, ficava mais próximo também.

C.M. – Vocês receberam materiais do Ministério quando vieram para cá?

G.S. – Sim, veio verba para comprar material, veio material também. Tinha todo esse suporte sim.

C.M. – E nesse módulo que você estava foi construído alguma coisa pelo projeto?

G.S. – Que eu me lembre, não.

C.M. – É, além de você, tinha mais alguém envolvido, você e dos monitores nesse núcleo?

P. G. – Sim, como assim? Da parte da coordenação?

C.M. – É.

G.S. – Somente eu mesmo que era o responsável pelo bairro.

C.M. – Vocês tiveram formação?

G.S. – Tivemos uma formação. Uma formação com o Professor Coutinho¹, que eu me lembro. Que era um dos responsáveis por dar a formação, tirar foto, fazer toda essa parte de arquivar o que estava acontecendo.

C.M. – Você lembra o que foi tratado nessa formação?

G.S. – Não me lembro, não me lembro.

C.M. – É, faz algum tempo né. [risos]

G.S. – Isso.

C.M. – E qual você acha que o foi o impacto para a comunidade?

G.S. – Positivo. Primeiramente foi um impacto bom, mas a questão do lanche principalmente para as crianças era uma coisa muito buscada por eles, porque eram bairros carentes, tinha muita criança carente, então eles vinham muito participar as vezes muito pela questão do lanche. As oficinas foram boas, muitos alunos saíram das oficinas que foram monitores hoje estão fazendo faculdade de Educação Física. A questão do aprendizado, de principalmente essas oficinas de bordados, essas coisas, ajudaram muito a comunidade.

¹ Nome sujeito a confirmação.

C.M. – E antes do projeto você acha... Como é que era o esporte e lazer em Juína, você lembra de alguma coisa?

G.S. – Ficava muito centralizado somente aqui no centro, somente no ginásio de esporte. Não tinha esse leque de oportunidade para todos os bairros, que hoje também é uma carência do nosso município, fica muito centralizada.

C.M. – Vocês na equipe de coordenadores, vocês tinham reuniões?

G.S. – Tínhamos, ou quinzenais, ou às vezes uma vez por mês a gente se encontrava. Porque além da atividade de cuidar ali nós tínhamos as atividades do ginásio de esportes da secretaria. A gente corria muito, mas a cada quinze, vinte dias, a gente se reunia sim.

C.M. – Você participou das atividades fora das oficinas, nos finais de semana e...

G.S. – Sim, fizemos atividades. Fizemos uma no módulo cinco.

C.M. – Como é que eram essas atividades?

G.S. – De vôlei, foi uma manhã de atividades, lá no módulo cinco. Teve vôlei, futebol para a comunidade, essas coisas voltadas para a área do esporte mesmo.

C.M. – Vocês conseguiam trazer gente de...

G.S. – Sim, as crianças vinham participar.

C.M. – E bom, para a cidade depois que acabou o projeto você acha que ficou alguma coisa do projeto.

G.S. – A saudade. [risos] eu acredito que sim. Era um projeto muito bom, então morreu, só saudade mesmo. Ficou essa questão do legado das crianças, desses jovens que se envolveram e hoje estão estudando mas outra coisa em si não.

C.M. – Tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar sobre o projeto?

G.S. – Não.

C.M. – Bom, professor então é isso. [risos]

G.S. – Eu espero que eu posso ter te ajudado em alguma coisa.

C.M. – Com certeza.

[FINAL DA ENTREVISTA]